

PRODUÇÃO, DEFESA E CONSUMO DO CAFÉ

Prof. JEAN MICHEL

Da Escola Agrícola "Luiz de Queiroz"

Em geral o problema da defesa do café encara só o lado *productor*, com o escopo de lhe garantir um preço remunerador, pondo-o a coberto das alternativas da produção e das especulações do mercado.

Dos *consumidores* pouco se occupa tal defesa tentando apenas, pelo reclamo, de augmentar o seu numero em vez de procurar meios acertados de satisfazer uns e outros, condição fundamental de successo e durabilidade da operação.

Acaso o fim do *productor* não é satisfazer o consumidor pela qualidade e preço do producto que lhe fornece?

No tocante ao preço, no seu livro incomparavel "*Hoje e Amanhã*", H. Ford diz:

«A senda unica, que conduz á redução do preço do custo, é pagar altos preços por alto grau de trabalho applicado, em industria que preste serviço social.»

Existirá porventura industria socialmente mais util do que a Agricultura? Haverá outra na qual mais se justifique a significação da produção, para lograr o barateamento do producto? E poder-se á deixar por muito tempo ainda de augmentar os salarios e o bem estar dos trabalhadores ruraes, para conserval-os no campo, e evitar a sua retirada para as cidades tentadoras?

N'outro trecho, o mesmo autor escreve:

«Comprando pelo custo — por nós determinado — e não aos preços do mercado, e temos a certeza de prestar um serviço ao publico procedendo assim, obrigando os nossos fornecedores a adoptarem methods adequados a ial produção, e invariavelmente elles prosperam.»

Vejamos pois se taes conceitos do maior genio industrial dos nossos tempos podem ter alguma applicação na cultura cafeeira industrializada, com as variantes inherentes ás cousas do campo, por intervir n'ellas alguns factores independentes da acção productora.

As safras cafeiras estão em franco declínio, particularmente nos municípios mais antigos, formando excepção apenas as zonas novas, onde as medias se mantem regulares.

Deveria isso acontecer?

Um ou dois seculos bastarão aqui para esgotar a faculdade productora de terras fundas, e que tem dado optimas provas de fertilidade, quando no velho mundo existem solos explorados ha milhares de annos, e que produzem hoje mais do que nunca?

Culpa-se a idade das plantações, pela deficiencia das safras. Porem o methodo adoptado de substituir progressivamente, e a medida da sua decrepitude ou morte, os pés que vão desapparecendo, deveria manter em constante producção qualquer cafezal assim reconstituído, se o trato complementar acompanhasse tal pratica.

Outros invocam que o clima tem mudado muito, que as chuvas vão escasseando, que as precipitações vêm em mangas ou trombas; que temperaturas elevadas queimam as plantas, enquanto outras frias as gelam, circunstancias estas consideradas, ás vezes, como favoraveis, porque provocam a alta dos preços, e levam a fortuna ás zonas poupadas pelos flagellos!

E' commodo culpar o clima e responsabilizar-o pelas deficiencias culturaes, sabendo-se que somos nos os verdadeiros responsaveis, porque é hoje relativamente facil ao homem, com o auxilio dos conhecimentos technicos modernos, asenhorar-se da producção para lhe garantir, a preço remunerador, a regularidade que exige um mercado normal.

Se assim não se dá, é imprescindivel mudar o rumo.

Na agricultura, mais do que em qualquer outro ramo da actividade humana, a rotina e a inercia dominam os trabalhos.

Pois as praticas campestres têm uma fixidez, uma estabilidade que os poetas cantam, que exploram os politicos — naturalmente conservadores — e que louvam todos aquelles que d'ellas tiram proveito.

Mas chega a hora fatal das competencias e da lucta das concorrencias. Então, ou se mudam os methodos, ou desapparecem aquelles que não querem acompanhar a marcha para diante.

É a lei do progresso, da qual ninguém se pode afastar por muito tempo, sem se ver bruscamente posto á margem.

O agricultor, lidando com bens immoveis, tem natural propensão em considerar como estaveis e perennes as condições do seu meio, sobrepassando involuntariamente os ensinamentos dos economistas e agronomos, que recommendam a maxima cautela na acceitação de processos novos, ou de simples modificações nos seus methodos de exploração que, ao dizer daquelles, têm a sanção de longa pratica.

Entretanto a nossa lavoura cafeeira parece ter chegado assim a um periodo de crise aguda que, tanto da parte dos poderes publicos como dos lavradores, reclama a maxima attenção, e a adopção das medidas que tal crise está pedindo.

No tocante á lavoura vejamos se nas culuras actuaes, ainda prosperas, se naquellas cuja producção é decrescente ou deficiente e tambem se nas novas, que se vão formando, devemos adoptar o regimen antigo de agriculturar, ou se mudaremos de systema para corresponder melhor ás circumstancias economicas de hoje e de amanhã.

É bem certo que as formas usadas, e os methodos de exploração ainda em voga, derivam das condições de terras virgens e ricas, ou da mão d'obra abundante e barata. Mas isto faz parte do passado, como tambem poderá passar o «monopolio» da producção que fez o Brasil senhor dos mercados cafeeiros, pois ja vemos apparecerem concorrentes que nos vão obrigar á lucta.

É na concorrência mercantil não basta, para vencer, regular a exportação com o escopo de assegurar ao productor um preço remunerador.

Tal operação que, á primeira vista, aparece como logica, vae de encontro ao interesse do consumidor e mesmo do productor.

Para o primeiro, o artigo encarece até que venha a concorrência compensadora, e para o outro, tendo garantido o lucro nada faz para o progresso e aperfeiçoamento da producção que precisamente na agricultura, resultam de circumstancias criticas na sua economia.

Situações identicas áquella do café tem-se apresentado com o

algodão é o trigo nos E. U., com o assucar em Cuba e com a borracha na India.

Vamos ver o que lá se tem feito e os resultados obtidos. Apesar de que «Comparação não é razão» alguma cousa se poderá aproveitar dos exemplos.

As condições da produção do trigo nos E. U. muito se assemelham com as do café no Brasil.

Lá também se tratou de fazer stock e dosar a sahida, para tornar o preço remunerador, porque devido a carestia da mão d'obra, e á fraca produção unitaria, não é já negocio para o agricultor americano produzir esse cereal, do qual parece haver superprodução para 1926-1927.

O «bill», ou projecto de lei valorizando o trigo foi discutido na Camara e no Senado, sendo aprovado por ambos. Porém o presidente Coolidge recusou-se a sancional-o, oppondo-se a tal operação cujo mercantilismo lhe pareceu prejudicial a todos.

O gesto do presidente da grande Republica é tanto mais nobre quanto que, devendo elle contar com o elemento rural para assegurar a sua reeleição á presidencia, não vacilou em por o interesse dos consumidores do pão acima das preocupações egoistas e politicas do momento, dando assim um bello exemplo de virtude civicá, e lembrando ser lei suprema para os lavradores, produzir mais em quantidade e melhor em qualidade, reduzindo as despezas do custeio, e consequentemente o preço de venda para augmentar o consumo e ganhar mais por vender muito.

Pois devemos também nos convencer de que a salvação da cultura cafeeira não se acha nos artificios mercantis, sempre onerosos para alguns, mas sim no franco progresso dos methodos culturaes. e na supressão de muitos intermediarios tão custosos quanto dispensaveis.

De facto, o gesto de Coolidge, oppondo o seu veto á lei pro-teccionista, tem essa significação, porque se os seus protagonistas invocam que os E. U. são os que mais trigo produzem per capita, isto é, 159 por cento acima da Belgica, França, Allemanha e Inglaterra, não é justamente por excesso de produção que a cultura do trigo se encontra ali em difficuldade economica. Pelo contrario, ella é defficiente por ser puramente extensiva e

extractiva, apesar de utilizar-se dos mecanismos os mais modernos.

Com effeito, enquanto o rendimento medio desse cereal, de 10 para 12 quintaes metricos por hectare, se representa ali por 1, o mesmo na França é de 1,5, na Allemanha 2, na Belgica 2,2 e na Dinamarca 2,3!

Quer isto dizer que a cultura extensiva e puramente extractiva, mesmo com a maior ajuda mechanica, acha-se incapaz de reduzir o custo da producção, porque ella não chega ao limite economico, alem do qual cada unidade a mais faz progressivamente baixar os preços, até chegar ás possibilidades de compra do consumidor, e isto sem medida protectora alguma.

Acaso estariamos já em tal situação, com os «mil e poucos reis», que representam ainda hoje o custeio annual do pé de café?

Mas existem outros casos do mesmo erro, cometidos com o algodão, o assucar e a borracha, aos quaes tambem se applicaram medidas de protecção, de limitação na producção, ou de armazenagem reguladora.

Em 1926, o governo Cubano reduziu as suas plantações de canna, e limitou a exportação do seu assucar, ficando esta diminuida de mais ou menos 10% (380.000 toneladas) sendo que Cuba produz approximadamente 20% do assucar consumido no mundo.

Essa operação que se julgou opportuna, em vista da situação critica da lavoura cannaviera naquella ilha, appareceu logo como dando optimo resultado, porque coincidiu com uma redução de 600.000 toneladas na producção do assucar de beterrava.

Porem os preços do assucar que subiram na occasião estão hoje em franco declinio no mercado mundial, e a tal limitação mostra-se agora contraproducente, em vista das necessidades e do aumento possivel do consumo desse artigo de primeira necessidade até o ponto de se representar a «potencia de trabalho» dos povos, pelo consumo que fazem d'esse energetico.

Hoje, a republica cubana tenta formar um *trust* de todos os paizes assucareiros. . .

No tocante ao Algodão, do qual os productores americanos reduziram de 30%, a superficie cultivada em conformidade com as indicações do departamento de agricultura, tampouco assim

teriam elles procedido, se o "Farm Board" lhes tivesse garantido um preço remunerador, armazenando e warrantando o excesso momentaneo das suas safras algodoeiras.

E por mais que se diga, tal limitação apparece todavia fora do bom senso, enquanto houver pelo mundo gente por vestir, mesmo de brim!

A respeito da borracha, os jornaes noticiaram ultimamente que o governo hollandez, em vista dos resultados negativos da defesa d'esse producto, organizada na India — limitação da producção e da exportação — ia supprimil-a por ser, ao dizer da maioria dos productores, a unica maneira de salvar as plantações.

Por seu lado, o consumidor exige qualidade e preço convidativo. Podemos assegurar que, para o café, as possibilidades mundiaes de consumo estão longe de ser satisfeitas.

Na terra do autor d'estas linhas, mistura-se o café com certa quantidade de chicorea. Esta enquanto substitue o café na medida do seu preço dá amargo e corpo á bebida que assim sai mais em conta...

Poder-se-ão instalar numerosos pavilhões de propaganda, distribuindo gratuitamente «café á brasileira» aos visitantes, cujo paladar geralmente não aprova tal bebida assim preparada: isso não terá sobre o augmento do consumo a influencia de uma baixa minima que seja nos preços do retalho porque, tanto para o café como para outros productos, haverá sempre compras desde que o preço da mercadoria esteja ao alcance da possibilidade financeira do consumidor, e corresponda á sua necessidade.

Mas para lá chegar, será necessario que o productor intensifique a sua lavoura e organize a venda n'outros moldes, porque encontra-se hoje, seja nas bolsas das metropoles, seja nas compras no lugar da producção, ou nas vendas, nos paises de consumo, numero exagerado de intermediarios que, em poucos minutos, lucraram muitissimo mais do que aquelles que passam o anno inteiro na lavoura acompanhando a planta nas suas vicissitudes, e cujo suor rega o cafezal para fazel-o produzir.

Intensificar a producção, organizar a venda, reduzir ao minimo a «cavação» ou «exploração» dos intermediarios, tal deve ser o programma defensivo.

A formação de stocks e a regulamentação da sahida, pelas perdas que occasionam, pelos gastos que originam, pelos emprestimos a que obrigam, não deixam de pertencer á classe dos intermediarios onerosos.

E quanto á qualidade, podemos affirmar que lá fóra os cafés consumidos são misturados: o café brasileiro serve de base apenas para ajuntarem-lhe, fora dos succedaneos, cafés de outras origens, como os de Java, São Domingo, America Central, Columbia etc., em geral mais aromaticos, e cuja dosagem constitue a especialidade dos vendedores para corresponderem ao «gosto» ou paladar da sua freguezia.

Existe nisso o mesmo como no commercio de vinhos, de que ha um gosto americano, francez, belga, inglez ou alemão, todos bem differentes. *De gustibus non disputandum...*

Ora, não seria possivel que se faça sahir de Santos ou do Rio taes misturas de café que satisfaçam ás exigencias dos varios consumidores?

A propaganda, ou defesa do café, não pode deixar de lado este ponto essencial, já que se vae iniciando a venda nas metropoles não só pelo aspecto e cheiro das amostras, das partidas, que serveriam até para a sua classificação, mas tambem pelo paladar da chicara que se prepara na occasião.

E' mesmo curioso que tal pratica se tenha demorado tanto tratando-se de uma «beberragem» pois não se concebe que um comprador de vinho o julgue e determine o seu valor, só pelo aspecto da uva na colheita, ou da garrafa depois de engarrafado!

D'alli a profissão de «degustador» que como para os vinhos, existirá em breve para o café.

Quando assim fôr, é de esperar que se beba, nos estabelecimentos a isso dedicados, coisa melhor do que os poucos centimetros cubicos que hoje se nos offerecem, na terra do café, pelo elevadissimo preço de dois tostões.

Os recentes debates da Sociedade das Nações e da Conferencia economica annexa, tendem a demonstrar, questão de sinceridade reservada, que os homens se querem associar, pelo menos por continentes, para tratar de resolver, na paz e no trabalho, os problemas que dividem os povos.

Não será porventura o fim unico do homem na terra do

mar as forças da Natureza, aproveitando os productivos para augmentar o bem estar geral, e libertar-se da contrarias? Pois os delegados — e com elles, as partes conscientes dos povos que representam, já se convenceram de que é condição de existencia das nações tratar de reduzir — até supprimil-as entre vizinhos — as barreiras que se oppõem ao livre intercambio de seus productos que doravante, e para cada um, formarão especialidades, standardizadas para tal resultado.

Em Roma, estabeleceu-se o Instituto Internacional de Agricultura para informar ao certo aos productores e consumidores das disponibilidades e possibilidades e destruir a acção tão prejudicial dos especuladores, a cujos manejos se deve a maioria dos mercados indecisos. Vimos, no ultimo Congresso de Roma, que foi, nesse sentido, approved por unanimidade, no dia 1.º de Junho, um projecto da delegação argentina, relativo ao commercio da carne e aos problemas zootechnico correlativos. Concebida n'um alto criterio altruista, no sentido de impedir qualquer embargo para fins de proteccionismo economico, tal proposta honra a nação que prima na exportação de carne, e cuja sociedade rural, com logica reciprocidade, recomenda de «comprar á quem nos compre».

Mas passemos ao lado agricola da questão.

Não duvidamos que existam zonas na terra do café onde será possivel cultivar variedades finas e aromaticas, aliás de um rendimento mais fraco, mas que compensará pela sua qualidade superior.

Taes variedades bem podem já encontrar-se entre nós, como resultado desconhecido de *variações* que de certo experimentaram o cafeeiro nacional e o Bourbon, desde o tempo que vem sendo cultivado em variadissimas condições de solo, exposições e cuidados, ou de *mutações* que escaparam á vista pouco prevenida do lavrador, e perderam-se na immensidade das safras.

Reveladas e fixadas essas variações e mutações, juntamente com a instrucção de variedades finas, e cultivadas, quanto seja possivel, nas condições do seu habital natural, serviriam de ponto de partida para a formação das especialidades necessarias á dosagem das misturas commerciaes ou dos «grãos» cafeeiros.

Por outro lado, a planta normal nasce, cresce, desenvolvendo-se reproduzindo a especie, para morrer depois.

Nota-se que circumstancias difficeis na sua vida provocam abundante fructificação, pois a natureza, querendo assegurar a perpetuação da especie, favorece a reproducção, deixando por algum tempo exausta a planta que fez tal esforço.

Semelhante coisa passa-se na producção cafeeira, cuja cultura, puramente extractiva, coloca as plantas em difficil situação physiologica, obrigando-as a periodicos esforços vegetativos, dos quaes resultam em boa parte as safras irregulares.

Uma cultura racional poderia, senão supprimir, pelo menos attenuar taes irregularidades, deixando só ás circumstancias climatologicas a culpa das falhas.

As observações metereologicas provam que, quando flagellos (chuvas de pedra, ventos, geadas ou seccas) assolam a cultura, elles não são geraes em todo o paiz, e, por outra, rarissimas vezes se repetem em dois annos seguidos.

Por tanto sua acção pertubará a producção parcialmente, durante um ou dois annos, com a probabilidade de uma reacção sob forma de producção abundante depois de calamidade.

Mas um velho preceito economico estabelece que os effeitos de uma extrema producção — forte ou fraca — só se manifestam nos mercados durante o segundo anno que segue.

Em consequencia, se podermos regularizar as nossas safras cafeeiras, sendo ellas apenas sujeitas ás deficiencias causadas pelos accidentes meteorologicos, os quaes não se dão dous annos seguidos, estariamos com o mercado regulado, sem precisar de stocks e custosas operações bancarias consequentes.

Conclusões. Resumindo em poucas linhas o que vem exposto com relação á producção, defesa e consumo do café podemos dizer que:

1.º tendo-se tornado o café um artigo de primeira necessidade na alimentação de muitos povos, o consumo da producção estará garantido desde que o preço da venda corresponda ás possibilidades economicas dos consumidores;

2.º a baixa do preço, pela intensificação da producção na fazenda e a limitação, na venda, da onerosa intervenção dos intermediarios, apparece como logica e necessaria consequencia da primeira condicção;

3.º deveremos possivelmente limitar as plantações ás terras

que permitam a cultura intensiva, adoptando desde já os methodos modernos mais racionaes, para uma producção em relação com as exigencias dos varios mercados;

4.º no tocante á defesa tanto economica como agricola, os lavradores devem antes de tudo contar com o seu proprio esforço, pois por mais bem concebida e organizada que seja aquella, os seus resultados são problematicos e fugaces: todas as tentativas feitas nesse sentido, desde os tempos remotos, (conforme d'Ovenel — Découvertes d'Historie sociale), até hoje, (exemplos citados do trigo, algodão, assucar, borracha), pouco ou nada adiantaram.

De accordo com essas conclusões é que publicamos no Boletim de Agricultura de S. Paulo, n. 4 e 5, de Maio, um trabalho intitulado «*Contribuição para renovação methodica e racional dos cafezaes*», do qual daremos proximamente um resumo para os leitores desta Revista.

Junho de 1927.

O cavallo de guerra

O bom senso já chegou a Paris. Provavelmente chegará até nós pelo proximo correio...

O ultimo concurso hippico realizado naquella metropole caracterizou-se pelo numero proporcionalmente maior (mais do dôbro) de cavallos de 1m.50 a 1m.60. Poucos foram os concorrentes com altura acima de 1m.60.

Nada de pernas. O que se quer é tronco: resistencia e força.

*

Porque a Argentina tem o melhor gado da America do Sul

Recentemente um touro *Shorthorn* foi adquirido por 2.500 guineos, ou 315.000 francos, ou 104.855\$000, para fazer a monta nas estancias de um criador argentino...